



USO DE PSICOTRÓPICOS NO BRASIL: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Marina de Souza Farias¹; Aline Barbosa da Silva²; Dhiego Ramalho Furtado³; José Nilton Feitosa da Silva⁴; Lóide Basílio Oton⁵; Edna Maria de Souza⁶; Carina Scanoni Maia⁷; Rômulo Pinto Dantas Filho⁸

RESUMO

Na atualidade, o uso excessivo de medicamentos parece ser um dos traços significativos da cultura ocidental, na qual impera a convicção de que o mal-estar, bem como o sofrimento de todo gênero, deve ser abolido a qualquer preço. O uso de psicotrópicos é indispensável no tratamento de algumas formas de transtornos mentais ou distúrbios psiquiátricos, tais como: ansiedade, insônia, depressão, agitação, convulsão e a psicose. O objetivo foi verificar os reais motivos da utilização de psicotrópicos e quais as características dos pacientes que o utilizam. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, realizando detalhadamente um levantamento bibliográfico. Os artigos foram selecionados utilizando as palavras-chaves: Dispensação. Psicotrópicos. Prescrição de Medicamentos. O sexo feminino é mais perceptivo em relação à sintomatologia das doenças, por isso, procuram mais cedo por ajuda e apresentam menor resistência ao uso de medicamentos prescritos do que os homens. Pacientes sem uma ocupação profissional apresentam maior prevalência de transtornos mentais. A terapia alternativa não medicamentosa poderia ser abordada, para pacientes que apresentaram transtornos de depressão, ansiedade e insônia. Os tratamentos medicamentosos para esses distúrbios envolvem fármacos que causam dependência química e efeitos colaterais, e isso leva, na maioria das vezes, as pessoas a se tratarem por longos períodos.

Palavras-chave: Dispensação. Psicotrópicos. Prescrição de Medicamentos.

ABSTRACT

Currently, the excessive use of drugs seems to be one of the significant features of Western culture, which reigns the conviction that the discomfort and suffering of all kinds, should be abolished at any price. The use of psychotropic drugs are indispensable in the treatment of some forms of mental disorders or psychiatric disorders such as anxiety, insomnia, depression, agitation, seizures and psychosis. The objective was to verify the real reasons for the use of psychotropic drugs and what the characteristics of the patients who use it. Integrative literature review was performed by conducting a detailed bibliographical research. The articles were selected using the keywords: Dispensation. Psychotropics. Prescription medicines. The female gender is more perceptive regarding the

¹ Acadêmica do curso de Farmácia – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité – PB, Brasil. marinasouzaifs@gmail.com

² Acadêmica do curso de Farmácia – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité – PB, Brasil. aline_barbosa1@live.com

³ Graduado em Medicina – Faculdade de Ciências Médicas, Campina Grande – PB, Brasil. dhiegoramalho@yahoo.com.br

⁴ Graduado em Farmácia – Universidade Nove de Julho, São Paulo – PB, Brasil. josenilton.feitosa@yahoo.com.br

⁵ Acadêmica do curso de Farmácia – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité – PB, Brasil. loide.oton@gmail.com

⁶ Graduada em Farmácia – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité – PB, Brasil. edna_ataide@yahoo.com.br

⁷ Professora Adjunto I – Universidade Federal de Pernambuco, Recife – PE, Brasil. carina.scanoni@gmail.com

⁸ Acadêmico do curso de Farmácia – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité – PB, Brasil. romulo_filho08@hotmail.com

symptomatology of the disease, so they look early for help and have less resistance to the use of prescription drugs than men. Patients without a professional occupation have a higher prevalence of mental disorders. The non-drug alternative therapy could be addressed, for patients with disorders of depression, anxiety and insomnia. Drug treatments for these disorders involve drugs that cause chemical addiction and side effects, and it leads, in most cases, people to treat for long periods

Keywords: Dispensation. Psychotropics. Prescription medicines.

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, o uso excessivo de medicamentos parece ser um dos traços significativos da cultura ocidental, na qual impera a convicção de que o mal-estar, bem como o sofrimento de todo gênero, deve ser abolido a qualquer preço. Diante destes problemas cotidianos, a prática do uso de medicamentos tem se tornado um dos caminhos mais eficientes e rápidos para amenizar o sofrimento psíquico das pessoas (MARCON et al., 2012).

Os medicamentos psicotrópicos (*psique*=mente e *tropico*=alteração) são modificadores seletivos do Sistema Nervoso Central. O uso de psicotrópicos é indispensável no tratamento de algumas formas de transtornos mentais ou distúrbios psiquiátricos, tais como: ansiedade, insônia, depressão, agitação, convulsão e a psicose (WINOGRAD, 2010).

Os fármacos psicotrópicos possuem diversos efeitos colaterais, desde boca seca, cefaléia, turvação visual à precipitação de glaucoma, hipotermia, discinesia tardia, dentre outros. O uso prolongado dessa classe de medicamento causa dependência química, provocando a busca compulsiva, prejudicando o indivíduo pessoal e socialmente. Os usos desses fármacos são para tratar transtornos psiquiátricos e necessitam de um diagnóstico preciso (SANTOS; ALMEIDA; ESTÁCIO, 2014).

São necessárias estratégias para promover o uso racional de medicamentos direcionada a todos os atores sociais, incluindo prescritores, farmacêuticos e pacientes, além de balconistas de farmácias e drogarias (BALDONI; GUIDONI; PEREIRA, 2011).

O objetivo do foi verificar os motivos da utilização de psicotrópicos e quais as características dos pacientes que o utilizam.

2. METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão integrativa dos periódicos nacionais e internacionais nas bases de dados MEDLINE, SCIELO, BIREME, SCIENCE DIRECT, SCOPUS e IBECS, utilizando os descritores: “Psicotrópicos”, “Medicamentos” e “Dispensação” nos idiomas português, inglês e espanhol. Os critérios de inclusão foram: artigos completos publicados nos últimos 7 anos nos idiomas português, inglês e espanhol, e que se enquadrassem no tema escolhido. Foram localizados 40 artigos e após a leitura dos mesmos, foram selecionados 25 periódicos para compor a revisão. As variáveis analisadas fora: sexo biológico, perfil socioeconômico, estado civil, duração do tratamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso de substâncias psicotrópicas tem sido objeto de diversos estudos no Brasil, devido à crescente preocupação com os hábitos de consumo de drogas lícitas e ilícitas e seus

impactos sociais, econômicos e, sobretudo, suas implicações na saúde da população (GRUBER; MAZON, 2014).

O estudo de Ribeiro et al. (2014), em que foi avaliado o uso, adesão e conhecimento desses fármacos entre estudantes de uma universidade de São Paulo, onde identificou o maior consumo entre as mulheres (61,5%). Estudos realizados em três diferentes Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) na região sul do país, da mesma maneira, evidenciaram que 79% dos usuários de psicotrópicos eram as mulheres (KANTORSK et al., 2011). E Marcon et al. (2012) justifica que o sexo feminino é mais perceptivo em relação à sintomatologia das doenças, por isso, procuram mais cedo por ajuda e apresentam menor resistência ao uso de medicamentos prescritos do que os homens. Além disso, há uma tendência natural dos médicos abordarem, de maneira distinta, os sintomas de ansiedade e depressão entre os sexos, isso pode ocorrer pelo fato da mulher ter que cumprir o papel de mãe, esposa e somado à cobrança do corpo perfeito. Assim, faz com que esse sexo seja predominantemente diagnosticado por estas doenças com maior facilidade, o que acarreta maior número de prescrições.

Oliveira (2009), com o objetivo de determinar o perfil de utilização de psicotrópicos em pacientes atendidos em Ambulatório de Saúde Mental de Aracaju-SE, verificou que 79% dos pacientes eram adultos. Araújo e Ceolim (2011), dizem ainda que com o avançar da idade ocorrem alterações no padrão de sono. Em decorrência dessas alterações, o sono passa a ser percebido como mais leve, fragmentado e menos satisfatório, o que leva à procura de medicamentos que aliviem esses sintomas.

Silva et al. (2015), em seu estudo sobre o perfil epidemiológico dos usuários de benzodiazepínicos na atenção primária à saúde, analisaram 219 usuários, e constataram que 152, que correspondem a 69,5%, eram casados ou encontravam-se em uma relação estável. Esses dados foram semelhantes aos apresentados por Noia et al. (2012) e Sabahi et al. (2014).

Rocha e Werlang (2013), afirmam em seu estudo que foi realizado em um hospital de Natal-RN, que a maioria dos entrevistados não tem o primeiro grau completo, onde a soma dos não alfabetizados e com os que estudaram até ensino fundamental incompleto chega a ser de 60%. Esse resultado indica a necessidade de desenvolvimento constante de ferramentas que possibilitem a educação em saúde destes usuários, facilitando e aumentando o entendimento destes sobre o tratamento medicamentoso.

Spagnol e Iacoviski (2010) observaram em sua pesquisa para investigar o consumo de psicotrópicos na população atendida na Unidade Básica de Saúde (UBS) de Água Doce-SC, que os agricultores e aposentados foram à ocupação que prevaleceram no estudo. Coutinho et al. (2014), apontaram resultados semelhantes e, com relação aos aposentados, sugere que pacientes sem uma ocupação profissional apresentam maior prevalência de transtornos mentais.

Prudêncio e Nogueira (2013), em seu estudo concluiu que a maioria dos entrevistados utilizavam os medicamentos para tratamento de insônia e ansiedade e Marchi et al. (2013), afirma que os transtornos de ansiedade têm aumentado consideravelmente nos últimos anos, sobretudo devido às profundas transformações ocorridas no âmbito econômico e cultural que foram acompanhadas por pressões de uma sociedade moderna.

No estudo de Silva et al. (2015), verificou-se em seus dados, que os entrevistados utilizavam psicotrópicos há mais de 3 anos. Neste sentido, Santos, Almeida e Estácio (2014), verificaram em seu estudo, que muitos pacientes faziam uso destes medicamentos por um longo período de tempo, em média o tratamento ocorria entre 3 e 10 anos.

4. CONCLUSÃO

Os resultados obtidos nessa pesquisa mostraram que sexo feminino, adultos, casados, baixo nível de escolaridade, situação socioeconômica reduzida são características predominantes dos usuários de psicotrópicos.

Contudo, pode-se dizer, que a prescrição e a utilização de psicotrópicos elevaram-se consideravelmente nos últimos anos e essas substâncias passaram a ser um dos grupos de fármacos mais prescritos no mundo. Como se trata de fármacos que causam dependência é necessário o empenho para o uso racional destes.

A terapia alternativa não medicamentosa poderia ser abordada, para pacientes que apresentaram transtornos de depressão, ansiedade e insônia. Os tratamentos medicamentosos para esses distúrbios envolvem fármacos que causam dependência química e efeitos colaterais, e isso leva, na maioria das vezes, as pessoas a se tratarem por longos períodos ou a abandonar o tratamento. Desta forma, observa-se a necessidade de uma atenção especial para esses pacientes para que suas necessidades medicamentosas sejam oferecidas de forma segura e racional.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. L. O.; CEOLIM, M. F. Sleep quality of elders living in long-term care institutions. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 3, p. 619-26, 2011.
- BALDONI, A. O.; GUIDONI, C. M.; PEREIRA, L. R. L. A Farmacoepidemiologia no Brasil: estado da arte da produção científica. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 9, n. 1, p. 78-88, 2011.
- COUTINHO, L. M. S. et al. Prevalência de transtornos mentais comuns e contexto social: análise multinível do São Paulo Ageing & Health Study (SPAH). **Caderno Saúde Pública**, v. 3, n.1, p. 1875-1883, 2014.
- FIRMINO, K. F. et al. Fatores associados ao uso de benzodiazepínicos no serviço municipal de saúde da cidade de Coronel Fabriciano, Minas Gerais, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 27, n. 6, p. 1223-1232, 2011.
- GRUBER, J.; MAZON, L. M. A prevalência na utilização de medicamentos psicotrópicos no município de Mafra: um estudo retrospectivo. **Saúde e Meio Ambiente**, v. 3, n. 1, p. 44-50, 2014.
- KANTORSK, L. P. et al. Descrição de oferta e consumo dos psicofármacos em Centros de Atenção Psicossocial na Região Sul brasileira. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 6, p. 1481-1487, 2011.
- MARCON, C. et al. Uso de anfetaminas e substâncias relacionadas na sociedade contemporânea. **Disciplinarum Scientia**, v. 13, n. 2, p. 247-263, 2012.
- NOIA, A. S. et al. Fatores associados ao uso de psicotrópicos por idosos residentes no Município de São Paulo. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v. 46, n. 1, p. 38-43, 2012.



OLIVEIRA, C. E. A. **Estudo de utilização de medicamento no ambulatório de saúde mental de uma unidade básica de saúde no município de Aracaju - SE.** Dissertação (Mestrado em ciências da saúde) - Faculdade de Medicina. Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2009.

RIBEIRO, A. G. et al. Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 19, n. 6, p. 1825-1833, 2014.

ROCHA, B. S.; WERLANG, M. C. Psicofármacos na Estratégia Saúde da Família: perfil de utilização, acesso e estratégias para a promoção do uso racional. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 18, n. 11, p. 3291-3300, 2013.

SABAHI, A. et al. Patterns of Psychotropic Medication Prescriptions by Psychiatrists for Private Clinic Outpatients in Kerman Province, Iran. **Sultan Qaboos University Medical Journal**, v. 14, n. 3, p. 382-387, 2014.

SANTOS, E. A; ALMEIDA, M. L. ESTÁCIO, S. C. S. A. Avaliação do perfil dos usuários de psicotrópicos nos municípios de Tremembé e Pindamonhangaba. Monografia. **Biblioteca Digital**, 2014.

SILVA, V. P. et al. Perfil epidemiológico dos usuários de benzodiazepínicos na atenção primária à saúde. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 5, n. 1, p. 35, 2015.

SPAGNOL, W. P.; IACOVSKI, R. B. Uso de medicamentos psicotrópicos no programa saúde mental no município de água doce – SC. **Ágora: Revista de Divulgação Científica**, v.17, n.1, p. 67, 2010.

WINOGRAD, M. O sujeito das neurociências. **Trabalho Educação e Saúde**, v. 8, n. 3, p. 521-535, 2010.